



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15622 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

O DEBATE SOBRE MEDICALIZAÇÃO/PSICOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA OBRA DE MARIA HELENA SOUZA PATTO

Lygia de Sousa Viegas - UFBA - Universidade Federal da Bahia

O DEBATE SOBRE MEDICALIZAÇÃO/PSICOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA OBRA DE MARIA HELENA SOUZA PATTO

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva sistematizar análises de Maria Helena Souza Patto sobre os processos de medicalização e psicologização da educação. Tema visível na contemporaneidade, sua presença na educação brasileira é antiga, como analisa Patto em vários escritos. Em seu cerne, há importantes críticas à psicologia, analisada no bojo de uma sociedade dividida em classes, e, no caso brasileiro, marcada por processos de colonização e escravização brutais. Publicadas entre 1981 e 2017, suas contribuições fazem jus ao reconhecimento de que sua obra é divisora de águas na Psicologia brasileira, referendado por grandes nomes da psicologia e da educação no país, como Cecília Coimbra (2011) e José Sérgio Fonseca de Carvalho (2011).

Em 2022, foi lançado o Ambiente Virtual Maria Helena Souza Patto, garantindo o acesso gratuito à obra da autora. (Cf. www.mariahelenasouzapatto.site) O estudo detido do conjunto de suas produções, empreendido em nível pós-doutoral, tornou possível sistematizar contribuições teórico-metodológicas essenciais para a psicologia e a educação no Brasil. Partindo de uma compreensão da realidade nacional, à luz de nossa história, lida em chave crítica, Patto ilumina pontos nevrálgicos de nossa dinâmica social que ainda pedem entendimento e superação.

2 DESENVOLVIMENTO

Partindo de uma leitura materialista-histórico-dialética, tal como opera a autora em análise, cumpre, antes de partilhar suas contribuições para pensar o tema em tela, recuperar traços de sua biografia intelectual. Seu percurso articula-se aos movimentos teóricos da psicologia e da educação contemporâneos à sua produção.

2.1 Biografia intelectual de Maria Helena Souza Patto: breves apontamentos

Maria Helena formou-se psicóloga na Universidade de São Paulo, em 1965. Em tempo de cátedras, foi convidada a compor o quadro docente da Faculdade tão logo se graduou. Já docente, ingressou no mestrado, cursado entre 1967 e 1970, sob a orientação de Romeu de Moraes Almeida. Intitulada *Privação cultural e educação pré-primária*, a pesquisa foi publicada em forma de livro (PATTO, 1973). Nela, transparece tanto a preocupação com a desigualdade escolar quanto o olhar embaçado pela ideologia dominante na compreensão do fenômeno.

Realizada em parte nos Estados Unidos, a pesquisa pretendia afirmar a importância da educação compensatória para aprimorar o desenvolvimento cognitivo de crianças que, pela condição de pobreza, padeciam de “privação cultural”. A inclinação para o interacionismo deu-se, pois, tal perspectiva supostamente superava o biologismo próprio ao pré-determinismo, ao reconhecer a influência do “ambiente” no desenvolvimento humano. Aliada ao estudo de pesquisas com esse referencial, ela foi conhecer *in loco* instituições de educação compensatória no país estrangeiro.

Assim, inicialmente, ela mesma foi capturada pela psicologização da educação e do desenvolvimento infantil, presa que se tornou da teoria da carência cultural. A construção do pensamento crítico decorreu da própria experiência, incluindo o atendimento de crianças pobres em uma equipe multidisciplinar da Secretaria do Bem-Estar Social de São Paulo. (PATTO, 1973) Não tardou (muito) até que ela percebesse a cilada contida nessa proposta, que reforçava preconceitos sobre a capacidade cognitiva de pessoas pobres (a maioria não-branca e/ou latinoamericana). Desde então, ela rompeu com tal perspectiva, tornando-se sua grande crítica.

A dúvida foi alimentada por leituras críticas realizadas no final dos anos 1970, sobretudo com a chegada de Althusser (1974) e Bourdieu e Passeron (1975) nas bibliotecas educacionais no país. Incrementando as reflexões, memórias de infância (sua avó comunista e a amizade com meninas mais pobres na infância)

(autor, ano) afinaram a sensibilidade para situações que a frieza de certa forma de fazer ciência, supostamente neutra e objetiva, por um período a impediu de incorporar.

Entre 1977 e 1981, Patto realizou o doutorado, sob a orientação de Ecléa Bosi. Tal pesquisa é um marco na sua virada intelectual, e seu impacto na psicologia brasileira é notório. Com o olhar aguçado pela crítica da ideologia, Maria Helena pensa a psicologia e a educação à luz dos determinantes históricos, econômicos, políticos e sociais. Aliado ao estudo histórico e teórico, ela realizou uma pesquisa de campo envolvendo a aplicação de questionário a psicólogas da rede pública escolar em São Paulo no final dos anos 1970. (PATTO, 1984/2022a)

Entre 1983 e 1989, Patto foi pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, época em que desenvolveu sua pesquisa de maior impacto: a tese de Livre-Docência, defendida em 1987 e publicada em livro em 1990, intitulada *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. Tal pesquisa dá passos significativos em relação ao doutorado, já bastante avançado no contexto em que foi escrito.

Embebida da dialética, Patto detalha uma revisão crítica da literatura sobre as causas do fracasso escolar e sintetiza uma densa pesquisa de campo realizada no chão de uma escola pública de primeiro grau situada em um bairro pobre na cidade de São Paulo entre os anos de 1983 e 1985, período da chamada democratização da escola. Superando o reprodutivismo que escapa no doutorado, Maria Helena se detém não apenas aos movimentos de adesão ao que está posto, mas essencialmente de resistência (HELLER, 1970), arejando as pesquisas na área.

Desde então, e por mais de 25 anos, Patto dedicou-se ao ensino e ao estudo crítico da psicologia e da educação. Situada no materialismo histórico-dialético, ela também busca inspiração teórica na antipsiquiatria e na Escola de Frankfurt. Tal conjunto alimenta sua análise da realidade brasileira em específico, destacando-se seus estudos sobre a história da psicologia e da educação no Brasil, em especial sobre o contexto de passagem para a Primeira República. Neles, desvela a articulação entre o racismo científico e os processos de medicalização da educação, cuja construção tem na psicologia importante aliada, por ser dada a individualizações.

2.2 O debate sobre medicalização e psicologização na obra de Patto

Do ponto de vista cronológico, Patto aborda primeiro a psicologização: na coletânea *Introdução à psicologia escolar*, ela pontua que a formação em psicologia

“não tem dedicado a devida atenção à função profilática e libertadora junto às camadas oprimidas da população, na qual possa fazer psicologia sem psicologizar e fazer ciência sem cientificizar”. (PATTO, 1981, p. 2) Já a ideia de medicalização aparece pela primeira vez em *A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal-trabalhada?*, quando articula os dois conceitos e afirma que uma “visão medicalizada e psicologizada ainda está muito presente entre os educadores”, revelada no encaminhamento de crianças com dificuldade na escola. (PATTO, 1985, p. 34) Tema presente em vários escritos, para o presente trabalho, será dado destaque a seus estudos de fôlego.

Pode-se considerar a tese de doutorado *Psicologia e Ideologia* como um tratado sobre psicologização da educação. Nela, Patto atesta que a psicologia “colabora com os intentos de *perpetuação do status quo* porque faz crer que um problema, na verdade econômico, social e político, se resume a uma questão psicológica, linguística ou escolar”, sendo útil à dominação. (PATTO, 2022a, p. 196) A preocupação central é com a “crença inabalável” de que a psicologia seria a “solução para todos os males do ensino, dos distúrbios de aprendizagem e de ajustamento escolar e social”. Sua análise do cenário há 40 anos segue atual:

Assistimos ao surgimento da intenção de uma verdadeira expansão tentacular da ação da psicologia na escola, que quer atingir a todos os aspectos da vida escolar e preconiza a transformação do psicólogo num centro de decisões todopoderoso, em função do qual todos os demais participantes da instituição passem a pautar seu pensamento e sua ação. É a “psicologização” da escola levada ao extremo; uma vez efetivada, passa a ocultar a natureza social e política de uma ampla gama de problemas sobre os quais incide, com todo o poder que sua cientificidade lhe outorga. (PATTO, 2022a, p. 160)

Se, como demonstra, o pressuposto das incapacidades cognitivas (inatas ou adquiridas) povoa a pesquisa acadêmica em psicologia, não é de se estranhar que ele esteja entranhado nas concepções e práticas das profissionais nos chãos dos serviços. É o que revelam as análises de Patto (2022a) sobre a pesquisa empírica, cuja atualidade é constrangedora. Na contramão, Patto ensaia, ao final da tese, uma alternativa contra a psicologização da vida, em que a psicologia possa servir como instrumento para a libertação, buscando aporte na antipsiquiatria. (BASAGLIA, 1979)

Se *Psicologia e Ideologia* foca a psicologização, *A produção do fracasso escolar* (PATTO, 1990/2022b) aprofunda o debate sobre medicalização, tanto na

primeira parte, de caráter histórico, como na segunda, com foco na pesquisa no chão de uma escola pública da periferia de São Paulo. De pronto, ela explicita:

O final do século XVIII e o século XIX foram de grande desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, especialmente da psiquiatria. Datam desta época as rígidas classificações dos “anormais” e os estudos de neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria conduzidos em laboratórios anexos a hospícios. Quando os problemas de aprendizagem escolar começaram a tomar corpo, os progressos da nosologia já haviam recomendado a criação de pavilhões especiais para os “duros da cabeça” ou idiotas, anteriormente confundidos com os loucos; a criação desta categoria facilitou o trânsito do conceito de *anormalidade* dos hospitais para as escolas: as crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem escolar passaram a ser designadas como *anormais escolares* e as causas de seu fracasso são procuradas em alguma anormalidade orgânica. (PATTO, 2022b, p. 89)

Se, aparentemente, a superação do reducionismo biológico surge com a introdução de conceitos da psicanálise, fato é que essa virada não enterrou a medicalização/psicologização, na medida em que a realidade social seguiu sendo naturalizada. A mesma toada envolve a teoria da carência cultural, cuja ideia de “ambiente” é marcada por “uma visão biologizada da vida social”, bem como de “uma definição etnocêntrica de cultura” (p. 100).

Assim, Patto (2022b) é contundente ao alertar para uma recorrência: “a crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade”, de modo que “nem mesmo os pesquisadores munidos de um referencial teórico-crítico estão livres dela”. (p. 104) Como lamenta, “mudam as palavras, permanece uma explicação: as crianças pobres não conseguem aprender na escola por conta de suas deficiências, sejam elas de natureza biológica, psíquica ou cultural” (p. 217). Desta forma, é importante não perder de vista que não estamos livres de reproduzir tal lógica, mesmo sem intenção, considerando a força da ideologia dominante.

Dando força à tese, Patto desvela que a medicalização/psicologização da educação não são um debate acadêmico, instaladas que estão no chão das escolas. Em todas as dimensões da pesquisa, seja na relação com gestoras, professoras, estudantes e suas famílias, ela apalpa discursos e práticas com esse tom.

Pelo acumulado no livro, a conclusão não poderia ser outra: é equivocado

supor que o fracasso escolar decorre de distúrbios orgânicos ou problemas familiares de estudantes. Patto também tensiona a culpabilização de professoras. Reforçando a raiz do problema, ela reitera: a visão preconceituosa que habita a escola foi constituída no seio de uma produção científica comprometida com a dominação, ensinada na formação docente como inquestionável, o que “facilita sobremaneira a transformação do usuário no grande ‘bode expiatório’ do sistema porque embaça a percepção da natureza política do fracasso escolar ao transformá-lo numa questão de incapacidade pessoal ou grupal anterior à escola”. (p. 550)

Tal crítica é reiterada em sua aula magna para o concurso de professora titular do Instituto de Psicologia da USP, publicada originalmente em 2005:

Desde o início dominado pela biologia até os dias de hoje, a Psicologia continuou a dizer essencialmente o mesmo com palavras diferentes. Ao afirmar que as dificuldades escolares decorrem da genética de raças e classes sociais, de problemas emocionais, de distúrbios neurológicos e psicomotores, de desnutrição, de carência cultural, de deficiência mental leve ou de atraso no desenvolvimento cognitivo – essas versões da Psicologia deixam na sombra a escola como instituição que reproduz a sociedade de classes. (PATTO, 2022c, p. 128)

Na contramão de individualizações, Patto mergulha no estudo do tema em perspectiva histórica, deixando um legado essencial.

2.3 Um olhar detido sobre a história do Brasil

Sendo impossível resumir todas as suas contribuições sobre o tema, importa frisar que ela escreve com mão pesada sobre o país, com destaque para a passagem para a Primeira República, cujas ideias são marcadas pelo racismo que nos é próprio. De maneira geral, Patto insiste em lembrar que, desde o período colonial e imperial, a “onipresença da polícia” praticamente dispensava a necessidade de “gestão científica do protesto e da miséria”, na qual se inclui a escola e a produção científica de explicações para a desigualdade. Em voga desde os tempos da escravidão, a brutalidade imperava e as “reações de rebeldia eram reprimidas com violência sem freio, tanto nas fazendas como nas aldeias e quilombos, cuja destruição mobilizou verdadeiras operações de guerra”. (PATTO, 1999a p. 179)

Tal realidade não mudou com a passagem para a República. Conforme Patto (1999a), em tal período, os discursos e medidas voltados para a “desordem urbana” tiveram contorno autoritário, preconceituoso e moralista. A chamada “obsessão ordeira” era a busca por controlar qualquer revolta popular. (p. 178) Faz parte de tal intento a criação de termos difamantes “para classificar pessoas e comportamentos sociais indesejados”. É a patologização da pobreza, assim descrita pela autora:

O discurso oficial substituiu os termos emprestados da demonologia, que anteriormente definiram a natureza do povo insubordinado, e pobreza passou a significar sujeira, que significava doença, que significava degradação, que significava imoralidade, que significava subversão. A doença não era só um mal do físico, mas deteriorização da alma, da raça, que se traduzia nos mais variados vícios: alcoolismo, promiscuidade sexual, negligência dos deveres paternos, vadiagem, crime, baderna anarquista. (PATTO, 1999a, p. 184)

Segundo Patto (1999b), a partir da década de 1920, a ideia de higiene mental ganhou relevo diante da preocupação com a “regeneração da raça”, sendo vista como “peça estratégica fundamental na luta contra a loucura e o crime”, tendo a “prevenção” como “palavra de ordem nos meios técnicos e científico”. (p. 211-212) Com isso, e evitada de preconceitos de raça e classe, toda instituição educativa passou a ser “lugar privilegiado de detecção, prevenção e correção de anormalidades infantis e juvenis”, perdendo a função de “distribuição igualitária de conhecimentos”. (p. 209-210) A intenção era de que médicos-escolares concretizassem “um olhar vigilante e minucioso, que examinaria permanentemente as crianças e as constituiria como normais ou anormais, e estas como ‘corrigíveis’ ou ‘incorrigíveis’”. (p. 214) No entanto, como reitera, “uma coisa era a vontade de nossos especialistas de administração científica da vida social; outra, a possibilidade histórica de sua realização” (p. 220), tímida e sobrepujada pela ação policial.

A partir da década de 1930, foram criadas clínicas de atendimento psicológico para onde eram encaminhadas crianças sobre quem se suspeitava da capacidade intelectual e moral. (PATTO, 2022a) Tais clínicas seguiram ativas por mais de 30 anos, tendo seu modelo clínico de atuação revisto apenas na década de 1970, motivado pela incapacidade de absorção da demanda.

Os anos 1970 e 1980 foram retratados no doutorado e na livre-docência. Sua obra segue focando o assunto nos anos 1990. Nada ultrapassada, a medicalização permanece nos anos 2000. Patto (2017a) reitera que o fenômeno é atravessado por marcadores de classe e raça. Em uma de suas últimas

publicações, Patto (2017b, p. 83) denuncia que estudantes são “tidos como portadores de deficiências físicas, intelectuais e emocionais” por uma psicologia “que se vale de instrumentos de medida há muito criticados na literatura especializada e por uma medicina aliada aos interesses de laboratórios internacionais que só fazem confirmar avaliações preconcebidas”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ciente de que o olhar medicalizante e psicologizante marca muitos serviços de atendimento às queixas escolares espalhados pelo país atualmente, ressalta-se a urgência das críticas de Patto.

Sua obra tensiona, com sensibilidade, o papel da ciência na consolidação de preconceitos de classe e raça, trazendo elementos consistentes na análise da medicalização e da psicologização da educação no Brasil. Que o estudo de seus escritos críticos possa seguir alimentando rebeldias e radicalismos, utopias e criações, com amor e coragem. É isso que a vida nos exige.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1974.

BASAGLIA, F. **A psiquiatria alternativa**. São Paulo: Camara Brasileira do livro, 1979.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CARVALHO, J. S. F. **A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico**. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 569-578, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000023>

COIMBRA, C. M. B. **Práticas de estranhamento, indignação e resistência**. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 579-586, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000024>

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

PATTO, M. H. S. **Privação cultural e educação primária**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.

PATTO, M. H. S. A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal-trabalhada? In: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Projeto IPÊ**. São Paulo: CENP/SEDUC-SP, 1985, p. 30-41.

PATTO, M. H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n.35, p. 167-198, 1999a.

PATTO, M. H. S. Ciência e política na Primeira República: origens da Psicologia Escolar. In: JACÓ-VILELA, A. M.; JABUR, F.; RODRIGUES, H. B. C. (Orgs.). **Clio-Psyché**: histórias da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999b, p. 317-349.

PATTO, M. H. S. A escola transformadora: Da escola que temos à escola que queremos. In: Kupfer, M. C.; PATTO, M. H. S.; VOLTOLINI, R. **Práticas inclusivas em escolas transformadoras**. São Paulo: Ed. Escuta, 2017a, p. 67-89.

PATTO, M. H. S. Direitos humanos e desigualdade social. **Ide**, São Paulo, v. 39, n. 63, p. 185-197, 2017b.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia**: uma crítica à psicologia escolar. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022a. <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/924>

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022b. <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/932>

PATTO, M. H. S. Sobre a formação das explicações hegemônicas do fracasso escolar: o lugar das teorias racistas. In: PATTO, M. H. S. **Exercícios de indignação**. Escritos de Educação e Psicologia. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022c, p. 112-132.
<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/910>